ARTE SEM LIMITES

CÔA & SIEGA VERDE

CÔA & SIEGA VERDE

ARTE SEM LIMITES

EXPOSIÇÃO

LISBOA | JULHO - OUTUBRO '22
MADRID | NOVEMBRO '22 - FEVEREIRO '23

MUSEU DE ARTE POPULAR | LISBOA | PORTUGAL
MUSEO ARQUEOLÓGICO NACIONAL | MADRID | ESPANHA

ORGANIZAÇÃO
Junta de Castilla y León e Fundação Côa Parque

PARTICIPAÇÃO
Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), Museu de Arte Popular (Lisboa) e Museo Arqueológico Nacional (Madrid)

FINANCIAMENTO
Interreg Espanha-Portugal | Programa Paleoarte | Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

EXPOSIÇÃO
Comissários
Thierry Aubry | José Javier Fernández Moreno | André Tomás Santos | Cristina Vega Maeso

Projeto
byAR – Pedro Pereira | Patrícia Ferreira | Saeideh Shekoohi

Design
byAR – Pedro Gonçalves | Teresa Monteiro | Pedro Matos | Thierry Aubry | Jorge Sampaio

Produção
Stripeline – Helder Mata | Gonçalo Tomás
byAR – Alexandra Allen | Tiago Duarte | Ruben Rebelo | Pedro Teixeira | Alberto Flores
VPrint - Produção de imagem, Lda.

Réplicas
Morph – Geociências | 3D Factory | Pedro Cura | Thierry Aubry | Jorge Sampaio | Marcos Terradillos

Tradução de textos
EURO-TEXT Traductores e Intérpretes

Fotografias, decalques e desenhos
José Javier Alcolea González | Manuel Almeida | Beatriz Alonso | Thierry Aubry | Rodrigo de Balbín Behrmann | António Fernando Barbosa | Julián Bécares | Carmen Cachom | Francisco Fabián García | Marcos García Díez | Pedro Guimarães | António Jerónimo | Miguel Angel Martín | Julián Martinez | José Javier Fernández Moreno | Marina Mosquera | Luciano Municio González | Pedro Pereira | Alejandro Plaza | Mário Reis | Olivia Rivero | José Paulo Ruas | Agustín Ruiz | Maria de Jesús Sanches | André Tomás Santos | Pedro Saura | Joana de Castro Teixeira

Audiovisuais
El Maestro de Altamira AIE. | Morena Films Productions | Morph – Geociências | Plan C Creatividad sin límites S.L.

Ilustrações
Alexandra Allen

Pessoas e Entidades Colaboradoras |
Mariana Abreu | Maria José Albuquerque | Miguel Almeida | Alicia Ameijenda | Marian Arlegui | Benito Arnaiz | Alberto Bescos | Carmen Cacho | Andrés Carretero Pérez | Joana Carrondo | Antonio Carvalho | Adriana Chauvin | Aida Carvalho | Hipolito Collado | Dalila Correia | David Cuenca | Pedro Cura | Pilar Fatás | António Batarda Fernandes | José Antonio Fernández de Cordoba | Verónica Fernandez Navarro | Paulo Ferreira da Costa | Alejandro Fonseca | Ana Fraile | Ana Fromesta | Carlos García | Rita Gaspar | Sérgio Gomes | Isabel Leal | André Leitão | Carmen Manzano | Ana Belén Marín | Alexandra Marques | Santiago Martínez Caballero | Andrea Martins | Tania Mosquera Castro | César Neves | Marta Negro | Luís Nobre | Roberto Ontañon | Sofia Figueiredo Persson | Nuno Ramos | Ketty Ratero | Manuel Santonja | Filipa Santos | Marcelo Silvestre | Renata Talarico | Ignacio Triguero | Jesús Maria del Val Recio

Agência Portuguesa do Ambiente | Ayuntamiento de Castillejo de Martín Viejo | Ayuntamiento de Fuentes de Oñoro | Ayuntamiento de Villar de Argañán | Ayuntamiento de Villar de la Yegua | Direção Geral do Património Cultural | Hemeroteca de Castilla y León | Ministério da Cultura | Ministerio de Cultura y Deporte | Ministério da Economia e do Mar | Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior | Município de Figueira de Castelo Rodrigo | Município de Pinhel | Município da Mêda | Município de Vila Nova de Foz Côa | Turismo de Portugal | Fundación Siega Verde | ADECOCIR | Arqueologia e Património – Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca Lda.

Entidades Prestadoras
Gobierno Principado de Asturias. Consejería de Cultura, Política Lingüística y Turismo. Dirección General de Cultura y Patrimonio | Gobierno de Cantabria. Consejería de Universidades, Igualdad, Cultura y Deporte | Junta de Extremadura. Consejería Cultura, Turismo y Deporte. Dirección General de Bibliotecas Archivos y Patrimonio Cultural | Servicio Territorial de Cultura y Turismo de Salamanca | Servicio Territorial de Cultura y Turismo de Segovia | Museo Nacional y Centro de Investigación de Altamira | Museo de Prehistoria y Arqueología de Cantabria | Museo de Segovia | Museo de Salamanca | Museo Numantino | Museo de Burgos | Museo de la Evolución Humana | Universidad de Cantabria | Universidad de Salamanca

CATÁLOGO
Coordenação
Thierry Aubry | José Javier Fernández Moreno | André Tomás Santos | Cristina Vega Maeso

Textos
José Javier Alcolea González | Thierry Aubry | Rodrigo de Balbín Behrmann | Julián Bécares Pérez | Primitiva Bueno Ramírez | José Javier Fernández Moreno | Luís Luís | Juan Antonio Martos Romero | Mário Reis | Olivia Rivero Vilá | Maria de Jesús Sanches | André Tomás Santos | Joana de Castro Teixeira | Carlos Vazquez Marcos | Jesús Maria del Val Recio | Cristina Vega Maeso

Design e paginação
byAR
Pedro Gonçalves

Impressão
Graficas EUJOA SA

© De la Edición: Consejería de Cultura, Turismo y Deporte. Junta de Castilla y León.

© De los textos e ilustraciones: los autores

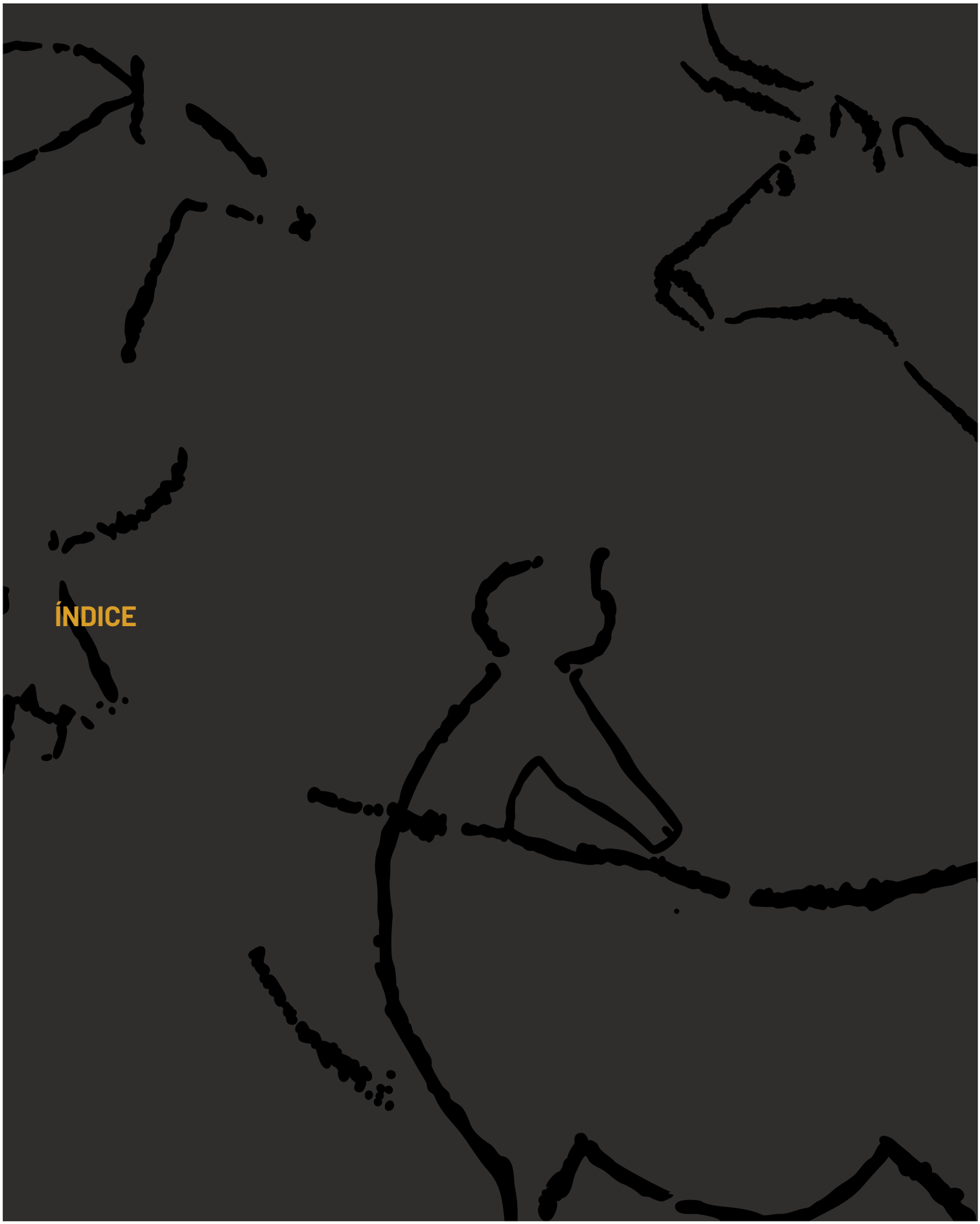
ISBN
978-84-9718-714-5

Depósito Legal
VA 646-2022

In memoriam a Bruno Navarro

CÔA & SIEGA VERDE

ARTE SEM LIMITES



ÍNDICE

007 Apresentação

013 Introdução

019 Grupos humanos no Vale do Douro durante o Paleolítico Superior e as primeiras manifestações artísticas

033 O Vale do Douro durante o Paleolítico Superior.
Ambiente e modos de vida.

049 A arte paleolítica da bacia do Douro no contexto do Sudoeste europeu

067 Distribuição e contextualização da arte paleolítica ao ar livre dos conjuntos do Côa e Siega Verde.

081 Caracterização e evolução da arte paleolítica no Vale do Côa em Siega Verde.

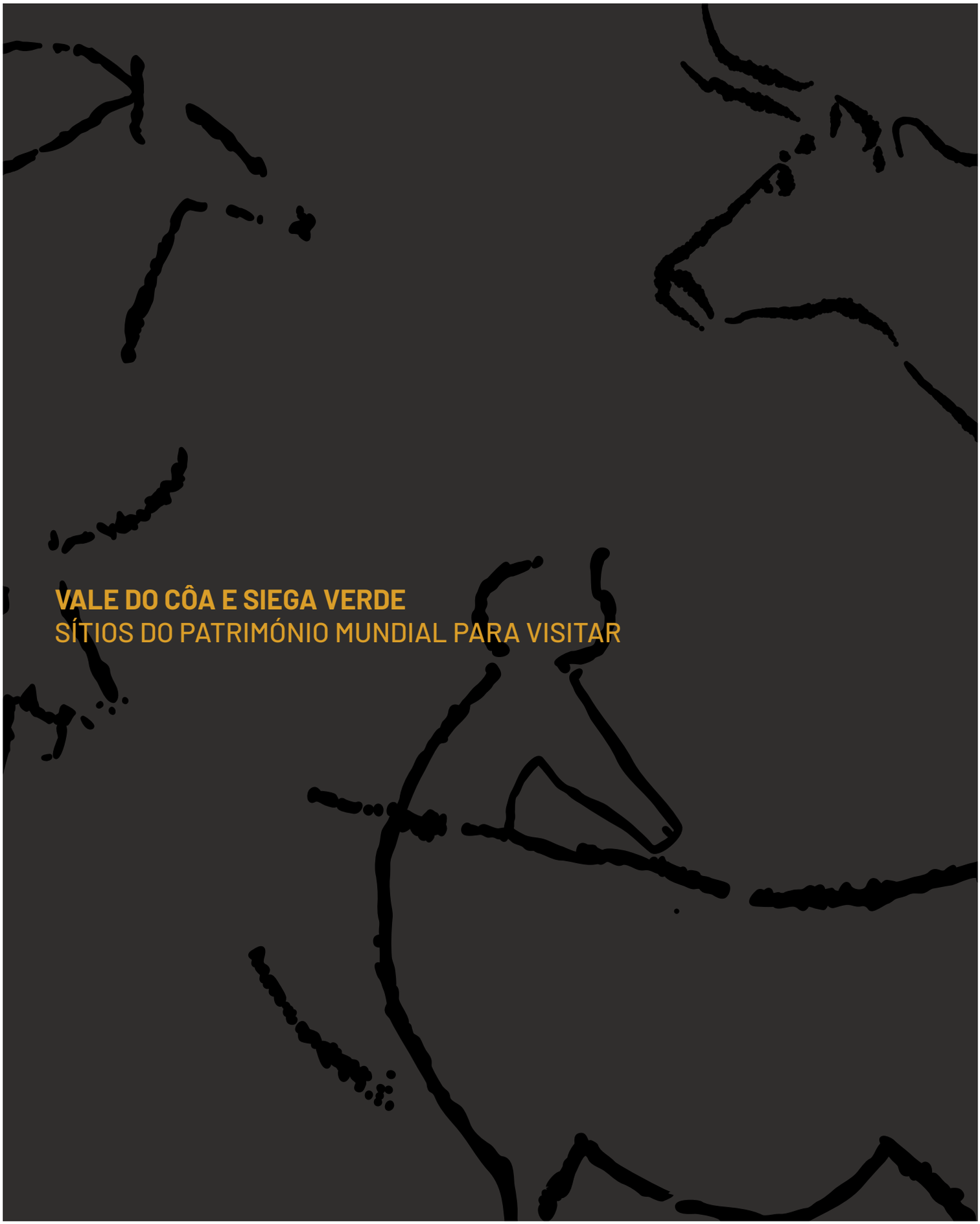
097 Arte Finiglacial (Estilo V/Azilense).
Caracterização das manifestações e contextualização dos conjuntos do Côa e Siega Verde.

113 Entre Espanha e Portugal. A arte esquemática na média e baixa bacia do Douro

135 As representações da Idade do Ferro no limite ocidental da submeseta norte: características e sua relação espacial e conceptual.

147 Pastores, moleiros e outras gentes. Arte rupestre de época histórica de ambos os lados da fronteira.

159 Vale do Côa e Siega Verde. Sítios do Património Mundial para visitar.



VALE DO CÔA E SIEGA VERDE
SÍTIOS DO PATRIMÓNIO MUNDIAL PARA VISITAR

Thierry Aubry
Fundação Côa Parque; UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

Jesús del Val Recio
Junta de Castilla y Léon

No final dos anos 1980, Francisco de Sande Lemos realiza o estudo de impacto do projeto de barragem que deveria submergir o troço final do Rio Côa e revela a existência de gravuras e de pinturas atribuídas à Pré-história Recente e a períodos posteriores, designadamente históricos. O seu parecer recomendava uma prospeção mais intensa e o acompanhamento arqueológico durante a construção da barragem. Em novembro de 1991, perto do lugar onde começa a ser construído o paredão da barragem, Nelson Rebanda, o arqueólogo responsável por estes trabalhos, identificou a rocha 1 da Canada do Inferno e aí reconhece o mesmo estilo paleolítico da gravura do cavalo de Mazouco, que havia descoberto no vale do Douro em 1977 e sido publicada em 1981 por uma equipa liderada por Susana Oliveira Jorge.

Do outro lado da fronteira, em 1988, um pastor, Ángel Hervalejo, indica a existência de gravuras a Manuel Santonja e Rosario Pérez, as quais serão publicadas e atribuídas ao Paleolítico Superior em 1991 por Rodrigo Balbín, Javier Alcolea, Manuel Santonja e Rosário Pérez. Em pouco mais de um quilómetro da margem esquerda do rio Águeda, foram gravadas quase uma centena de rochas com cerca de 700 gravuras.

Apesar de terem sido descobertas em 1991, o anúncio da existência de gravuras paleolíticas ao ar livre ao longo do Rio Côa, atribuíveis estilisticamente ao Paleolítico, só ocorreu no final de 1994, depois de um abaixamento do nível da barragem do Pocinho, construída em 1982, e da descoberta de mais rochas gravadas. A divulgação destas descobertas, ocorridas no âmbito da construção de uma barragem que implicava a submersão sob mais de 100 metros de água da arte rupestre do Vale do Côa, iniciou um período de debate que durante o ano 1995, envolveu, não só os arqueólogos, mas todo o país, tendo acabado por se alastrar internacionalmente. A solução proposta pela Eletricidade de Portugal, que consistia em construir a barragem, deslocar algumas das rochas "mais significativas" e submergir as

outras, contrariava a ideia dos defensores da conservação *in situ* da arte no contexto da sua realização. Esta discussão teve implicações mais vastas na sociedade portuguesa acerca dos estudos de impacte ambiental, dos planos de desenvolvimento económico à escala nacional e, em geral, da política preventiva de preservação do património cultural.

Ultrapassado o triste episódio de tentativa de datação direta das gravuras do Vale do Côa por métodos inadequados com o objetivo anunciado de minimizar a sua antiguidade, no início de 1996 o governo português, atendendo à opinião dos arqueólogos que apontavam para a importância patrimonial da arte do Côa e dos sítios que se foram entretanto descobrindo, decidiu abandonar a construção da barragem e pediu um relatório, coordenado por João Zilhão, que estabelecesse científica e definitivamente o seu valor patrimonial.

Como consequência desta decisão e das suas implicações sobre a estratégia de desenvolvimento desta região, o Parque Arqueológico do Vale do Côa é criado para estudar, proteger e mostrar ao público o mais importante complexo de arte rupestre paleolítica ao ar livre conhecido no Mundo. Num território de cerca 200 km^{2,} conhecem-se mais de 1200 com arte rupestre de distintos períodos, dispersas por 80 sítios. Cerca de metade destas rochas (localizadas em 60 destes sítios) apresentam motivos paleolítico. Este território desenvolve-se ao longo de cerca de 20 km do Rio Côa e de 10 km do Rio Douro, a jusante e montante da foz do Côa. O Vale do Côa constitui um lugar único por apresentar um ciclo artístico longo que se estende desde o Paleolítico Superior até à época moderna.

Desde 1996, respondendo a uma das suas principais missões, o Parque Arqueológico do Vale do Côa disponibiliza visitas à arte rupestre. Estas visitas, orientadas por um guia especializado, são realizadas em viaturas todo-o-terreno, a três dos principais sítios com arte rupestre paleolítica; a Canada do Inferno e a Ribeira de Piscos, aos quais se acede a partir do Museu do Côa e a Penascosa, cujas visitas partem do centro de receção de Castelo Melhor. O sistema de visitas às gravuras do Vale do Côa tem como principais preocupações ajudar os visitantes a visualizar os motivos gravados — algumas vezes sobrepostos no mesmo painel e de interpretação complicada, ou realizados por incisões muito finas — e contribuir para um usufruto do sítio que não coloque em causa a conservação da arte e do seu contexto natural. Os guias tiram partido do trajeto até aos sítios para apresentar outros pontos de interesse patrimonial, natural e cultural desta região. Na visita às gravuras utilizam-se fichas explicativas, baseadas nos levantamentos realizados, que permitem isolar os motivos dos paneis visitados. Os três sítios visitados nesta modalidade foram objeto de uma intervenção mínima de forma a preservar as

Fig. 1. Visita às gravuras da Penascosa (Foto de António Jerónimo; Fundação Côa Parque).

condições da descoberta, com a integração de elementos que facilitam a visita, elaborados com os materiais locais (xisto, madeira, ...).

Por razões logísticas e de conservação, existe um limite de visitantes por dia e por sítio. Atendendo à especificidade de cada um e à orientação dos painéis, os horários das visitas são escolhidos em função da melhor luminosidade natural para a observação das gravuras, de forma a potenciar ao máximo a sua visualização. Os sítios da Canada do Inferno e da Ribeira de Piscos são visitados apenas durante a manhã, quando os painéis são iluminados pela luz solar mais ou menos rasante. Pelo contrário, os painéis da Penascosa, situados na margem direita do rio, encontram-se à sombra durante a manhã, pelo que este sítio é visitado apenas durante a tarde. A Visita Noturna é realizada apenas ao sítio da Penascosa.

Em Siega Verde, depois da sua descoberta e publicação, várias atividades têm sido levadas a cabo para proteger o sítio arqueológico. A classificação inclui intencionalmente um território mais vasto com o objetivo de integrar, para além das rochas gravadas, os seus contextos paisagísticos. Em 1995, o sítio de Siega Verde foi dotado de um serviço de guarda. O conjunto de práticas de conservação e proteção implementadas inclui a vigilância ativa e passiva do local através de câmaras de vigilância, a delimitação da área visitável e a implementação de um sistema de visitas, exclusivamente com guia. No seu conjunto, todas estas medidas permitiram minimizar tanto quanto possível o risco de vandalismo do sítio. Com a mesma intenção, em paralelo com os trabalhos de estudo e de gestão das gravuras, estão planeadas toda uma série de intervenções em Siega Verde que visam a sua fruição pública. A este respeito, é de notar que o sítio faz parte de um vasto plano de divulgação do património arqueológico da Junta de Castela e Leão, que tem beneficiado dezenas de sítios na nossa região durante as últimas décadas. Foi declarado "Património de Interesse Cultural" com a categoria de Zona Arqueológica pelo Ministério da Cultura do Governo Regional de Castilla y León em 1998.

Em 1997, é criado o Instituto Português de Arqueologia — uma Direção-Geral do Ministério da Cultura, encarregado da gestão do património arqueológico português — e o Parque Arqueológico do Vale do Côa, como uma das direções de serviços deste Instituto público. O conjunto dos "Sítios Arqueológicos no Vale do Rio Côa", no qual se incluem os sítios de arte rupestre e dois sítios arqueológicos com vestígios de ocupação paleolíticos são classificados como Monumento Nacional, e estabelecem-se zonas de proteção e enquadramento.

A proteção jurídica da arte rupestre do Côa clarificou-se com a inclusão dos sítios classificados como Monumento Nacional em 1997 na Lista do Património Mundial da UNESCO. A classificação dos núcleos de gravuras rupestres do Vale do Côa como Património Mundial pela UNESCO, no dia 2 de dezembro de 1998, foi o culminar de um processo que marcaria indelevelmente em Portugal o lugar da Arqueologia na sociedade e, em geral, da gestão do património cultural, confirmando a relevância da arte do Côa e a justeza da decisão do governo português ao cancelar a barragem do Baixo Côa e proteger a arte rupestre da região no seu contexto natural.

No processo de classificação mais rápido de sempre, considerando que a candidatura foi apresentada pelo governo português em 24 de junho de 1997, e viria a ser favoravelmente acolhida em Kyoto no dia 2 de dezembro de 1998, a UNESCO incluiu a Arte Pré-histórica do Vale do Côa na lista do Património Mundial. A justificação, sob a forma de critérios de classificação, foi dupla:

Fig. 2. Capa do livro-guia de Siega Verde para invisuais.

- A arte rupestre do paleolítico superior do Vale do Côa é uma ilustração excecional do desenvolvimento repentino do nosso génio criador durante a alvorada do desenvolvimento cultural humano;
- A arte rupestre do Vale do Côa demonstra de forma excecional a vida social, económica e espiritual dos nossos antepassados pré-históricos.

Em 2010, durante a 34ª Sessão do Comité do Património Mundial realizada em Brasília, a declaração do sítio de arte rupestre paleolítico ao ar livre do Vale do Côa (Portugal) foi alargada para incluir o sítio arqueológico de Siega Verde (Salamanca, Espanha) na Lista do Património Mundial sob a designação conjunta de "Sítios de arte rupestre pré-histórica do Vale do Côa e Siega Verde", fundamentada nos mesmos critérios.

O programa de valorização de Siega Verde começou alguns anos após a sua descoberta em 1991, quando foi dotado de sinalização. Em 1997, foi preparado um itinerário para a visita, onde é possível observar 14 painéis que, naturalmente, incluem as gravuras paleolíticas mais significativas. O percurso é acompanhado por um guia que descreve em pormenor cada uma das catorze rochas gravadas selecionadas para mostrar aos visitantes. Como parte do seu compromisso de tornar o sítio acessível a todos os cidadãos, a visita inclui uma réplica para cegos, complementada por um audioguia. Todos os painéis do percurso são também mostrados sob a forma de desenhos em grande formato na sala de aula arqueológica, o que torna também mais fácil aos guias explicar as representações aos visitantes com mobilidade reduzida que não conseguem aceder à área visitável, devido à sua topografia.

Fig. 3. Representações paleolíticas do roteiro de visita de Siega Verde.

Como resultado da intensidade e complementaridade da investigação, conservação e valorização do sítio de Siega Verde, a estação arqueológica acabou por encontrar o seu merecido reconhecimento internacional. Para além da sua declaração como Património Mundial, desde 2010 o sítio Siega Verde faz parte do Itinerário Cultural do Conselho da Europa ""Caminhos da Arte Rupestre Pré-histórica"", que reúne os grupos mais importantes de sítios visitáveis com arte rupestre pré-histórica na Europa e nos quais a Fundação Côa Parque participa, naturalmente, desde 2020.

Desde que foi vedado nos anos 90, o sítio tem sido visitado em pequenos grupos guiados por pessoal especializado. Para além de promover a conservação do sítio, esta estratégia está em conformidade com as teorias de interpretação do património, que

confirmam que o melhor método de transmissão do património cultural ao público é por meio de visitas guiadas. No Verão há também visitas noturnas, com luz artificial, o que realça o seu carácter *mágico* e favorece a leitura das gravuras.

Desde 1997, o sítio Siega Verde está equipado com uma Sala de Aula Arqueológica construída nas proximidades, que tem sido objeto de constantes obras de remodelação e ampliação e de renovação e aumento do seu conteúdo didático. O discurso expositivo, naturalmente, centra-se nas peculiaridades e características de Siega Verde e, por extensão, da arte rupestre paleolítica ao ar livre. A Aula de Arqueologia explica o que é visível no local, revelando conhecimentos sobre os períodos paleolíticos em que as gravuras foram feitas e fornecendo ao visitante informações detalhadas sobre os estilos de vida dos artistas que as fizeram.

Com o mesmo objetivo que a *Aula Arqueológica* de Siega Verde aberta em 1997, que complementa as informações fornecidas pelos guias durante a visita ao sítio de arte rupestre, o Museu do Côa, da autoria dos arquitetos Camilo Rebelo e Tiago Pimentel, foi inaugurado em julho de 2010. Este projeto arquitetural substitui um outro, projetado por Fernando Maia Pinto, que utilizava as cicatrizes das escavações realizadas para implantar o paredão da barragem. O projeto escolhido no concurso internacional de 2003, localiza-se a jusante do primeiro, no topo de uma vertente sobranceira à confluência do Côa com o Douro, na junção entre dois patrimónios mundiais: a arte rupestre do Vale do Côa e as paisagens Vinhateira do Alto Douro.

Fig. 4. Visita noturna a Siega Verde (foto J Javier Fernández; Junta de Castilla y León)

Fig. 5. Exterior da Aula Arqueológica de Siega Verde. (Foto Pedro. Guimaraes; Junta de Castilla y León)

Fig. 6. Exterior do Museu do Côa (Foto de António Jerónimo; Fundação Côa Parque).

Este Museu, o único que trata da arte paleolítica ao ar livre e do seu contexto arqueológico, constitui uma das maiores áreas de exposição permanente em Portugal. A obra tem como conceito a sua integração na paisagem, obtida graças à volumetria subterrânea e à utilização de pigmentos minerais, imitando as irregularidades e tonalidades naturais do xisto local e permitindo a sua integração na paisagem desde a confluência entre o Côa e o Douro.

O objetivo do Museu do Côa não é o de substituir a visita aos sítios de arte rupestre do Parque Arqueológico do Vale do Côa que constituem o verdadeiro Museu ao ar livre e foram locais escolhidos pelos artistas do Vale do Côa. Constitui-se, portanto, como uma porta de entrada para iniciar a descoberta da arte rupestre, ou também como uma de saída, por onde o visitante, por ela passando, pode conhecer os sítios que não estão abertos ao público, outros patrimónios culturais da região e, também, a vida quotidiana dos artistas ou os fatores naturais que permitiram a sua conservação durante dezenas de milhares de anos. Em 2019, o Museu do Côa passou a integrar a Rede Nacional de Centros Ciência Viva, constituída por 20 espaços de ciência e tecnologia em todo o território nacional. O centro Ciência Viva e os Serviços Educativos da Fundação Côa Parque desenvolvem atividades focadas no património cultural e natural do Vale do Côa, de modo a acolher quer o público escolar quer o público em geral.

A Côa Parque – Fundação para a salvaguarda e valorização do Vale do Côa, também designada por Fundação Côa Parque, foi criada em 2011, para gerir o Parque Arqueológico do Vale do Côa — criado em 1996 —, e o Museu do Côa — inaugurado em 2010. Os seus fundadores são a Direção-Geral do Património Cultural, o Turismo de Portugal, a Agência Portuguesa do Ambiente, a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, a Associação de Municípios de Vale do Côa e o Município de Vila Nova de Foz Côa. Tem como fins principais a proteção, conservação, investigação, e divulgação da arte do Côa e demais património na área do parque arqueológico, aliando a capacidade de atração do Museu às visitas públicas aos sítios de arte rupestre.

Recentemente, foi iniciada a elaboração do Programa Especial do Parque Arqueológico do Vale do Côa. Neste contexto, os responsáveis por este programa — a Direção-Geral do Património Cultural, em articulação com a Fundação Côa Parque e a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro — têm como missão definir as normas de salvaguarda e valorização do património arqueológico, do território do Parque Arqueológico do Vale do Côa e a criação dos sistemas e enquadramento legal indispensáveis ao ordenamento e gestão da região.

Fig. 7. Aspeto da Sala B da exposição permanente do Museu do Côa (Foto José Paulo Ruas).

Nestes últimos anos, a vontade de diversificar a oferta turística levou ao desenvolvimento de outras modalidades de visita ao património do Vale do Côa. A Visita de Caiaque, com início na Canada do Inferno, permite observar algumas das rochas de difícil acesso sem ser pelo rio, localizadas na cota média da barragem do Pocinho, e visitar o sítio do Fariseu. Neste sítio, em 1999, um ano depois da classificação da arte paleolítica do Côa como património mundial pela UNESCO, uma sondagem adjacente à rocha 1 tinha revelado a existência de uma sequência de depósitos com vestígios do Paleolítico Superior sobre um painel gravado. Esta relação estratigráfica permitiu, pela primeira vez, datar as gravuras e confirmar a atribuição estilística. Tal situação replicou-se em 2020, com a descoberta de uma sobreposição de figuras obtidas por picotagem e abrasão, características da fase antiga da arte do Côa tapadas por níveis do Paleolítico Superior. Na mesma rocha descobriu-se também um auroque macho com mais de 3,5 metros de comprimento, o que faz dele a maior figura exclusivamente gravada de todo o Paleolítico Superior europeu. Estas descobertas recentes, ao contrário da rocha 1, submersa pela barragem de Pocinho e apresentada sob a forma de uma réplica no Museu do Côa, podem ser observadas durante a visita de caiaque. A rocha 9 confirma a importância deste sítio para datar a arte ao ar livre, que pode manifestar-se sob uma forma monumental e desde o início do Paleolítico Superior.

Em 2021 iniciou-se uma nova modalidade de visita mais virada para o património natural do Vale do Côa. Este percurso, feito num barco movido a energia eletrossolar, inicia-se na Canada do Inferno. Não foi pensado para a observação das gravuras, direcionando-se para o contexto geológico e para a observação de várias espécies animais e vegetais que povoam o baixo Côa, até à Foz da Ribeira de Piscos.

Fig. 8. Momento de uma visita de caiaque entre os sítios da Canada do Inferno e do Fariseu (Foto de António Jerónimo; Fundação Côa Parque).

Uma peculiaridade do sítio de Salamanca tem a ver com o seu modelo de gestão. Isto é regulado por um acordo de colaboração entre diferentes administrações: Câmaras Municipais — proprietárias do sítio e das infraestruturas — e a Junta de Castilla y León, responsável pela sua conservação e proteção. Estas confiaram, por sua vez, a organização de visitas ao local, a Sala de Aula Arqueológica e a organização de ateliers para crianças em idade escolar, ao grupo de ação local ADECOCIR: Associação para o desenvolvimento da região de Ciudad Rodrigo. Uma fórmula de sucesso que tem promovido a integração de entidades locais e grupos de ação local na gestão do sítio.

Um dos aspetos de destaque na divulgação de Siega Verde e do Vale do Côa é a implementação de atividades para as escolas. As visitas aos dos sítios incluem uma variedade de workshops para crianças em idade escolar, mas, para além disso, e esta é talvez a novidade, leva os seus guias às salas de aula das escolas.

Não são de estranhar as realizações conjuntas em matéria de gestão, investigação, conservação e divulgação que tiveram lugar em Siega Verde e no Vale do Côa e a estreita colaboração entre os sucessivos técnicos e responsáveis pelo estudo e gestão dos dois sítios patrimoniais (1), que remontam aos anos anteriores à declaração conjunta do Património Mundial. A relação deu frutos em: reuniões científicas conjuntas, publicações técnicas e informativas, tais como o mapa dos recursos culturais e naturais do território, numerosas exposições que incluem as descobertas de Foz Côa e Siega Verde, ou os bilhetes conjuntos acordados em 2013.

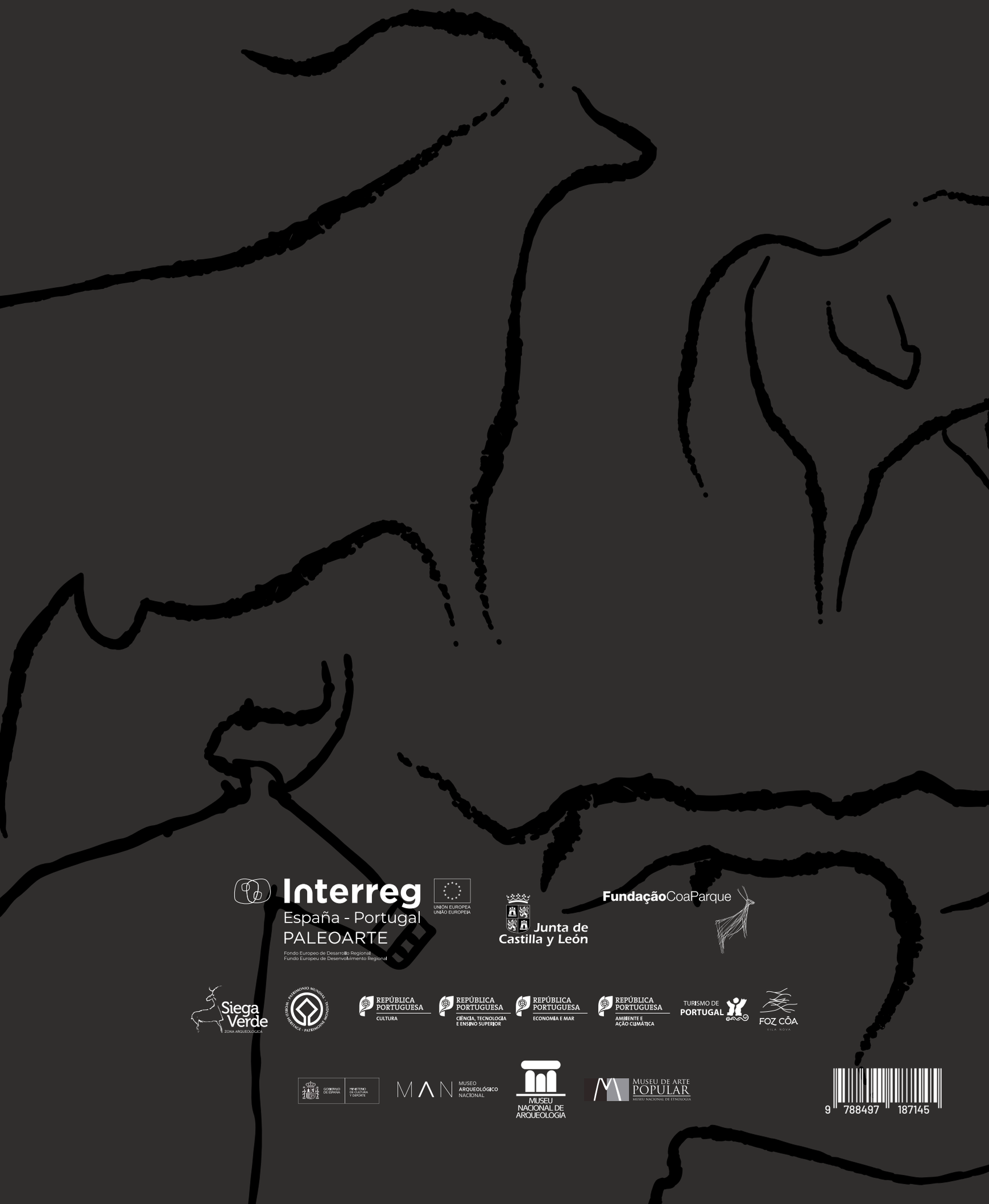
As estratégias e atividades que tiveram lugar em Foz Côa e Siega Verde visando a sua gestão e divulgação nos últimos anos são contínuas e sustentáveis, estão estreitamente ligadas ao território e aos seus agentes locais e, por sua vez, perseguem o objetivo da internacionalização dos dois sítios, o que tem reforçado

ainda mais, se possível, os laços existentes. Os dois sítios de arte rupestre de Foz Côa e de Siega Verde têm como objetivo comum desenvolver visitas virtuais à arte rupestre ao ar livre, utilizando a tecnologia digital e os recursos da realidade aumentada. A exposição itinerante "Arte da Luz" um projeto desenvolvido em 2010 e 2011, deu a conhecer o património dos dois sítios e as suas prováveis relações nos tempos paleolíticos, o que explica a semelhança estilísticas de algumas das suas gravuras e justifica a declaração conjunta do Côa e de Siega Verde como Património Mundial. A exposição percorreu cinco sítios da lista do Património Mundial: Salamanca, o cenário incomparável do Claustro dos Jerónimos em Lisboa, o Museu do Douro em Peso da Régua, e o Museu da Evolução Humana na cidade de Burgos, próximo dos sítios famosos de Atapuerca.

Na 2.ª convocatória do Programa de Cooperação Interreg V A Espanha-Portugal (POCTEP) 2014-2020, o projecto PALEOARTE (Arte paleolítico transfronteiriço) foi aprovado, com a Direção Geral do Património Cultural do Ministério da Cultura e Turismo do Governo Regional de la Junta de Castilla y León como principal beneficiário e o Centro Nacional de Investigación sobre la Evolución Humana e a Fundação Côa Parque como parceiros.

A ação mais ambiciosa deste projeto é a exposição itinerante sobre a arte rupestre paleolítica a que este catálogo se dedica. Foi concebida e desenhada por uma equipa transfronteiriça e apresentada no Museu de Arte Popular em Lisboa e no Museu Nacional de Arqueologia em Madrid, acompanhada pelas contribuições dos autores dos conteúdos e especialistas convidados para a elaboração deste catálogo. Neste âmbito foram desenvolvidos estudos e prospeções arqueológicas não só nos territórios dos dois patrimónios mundiais, como também na área geográfica intermediária. Os resultados já permitiram evidenciar indícios de uma densa ocupação humana durante o Paleolítico Superior e confirmam que as duas concentrações de arte rupestre pertencem ao mesmo grupo cultural que explorou a diversidade ecológica dos limites da Meseta durante o último período glaciar.

Desde a descoberta das pinturas Altamira em 1879 e da aceitação pela comunidade científica da sua antiguidade e, consequentemente, do comportamento artístico dos nossos antepassados, os primeiros testemunhos da arte parietal produzida pelo homem estavam, até há pouco tempo, exclusivamente localizados no interior de grutas em França e na costa cantábrica, o que levou a afirmar que se tratava de uma arte exclusiva das grutas. A investigação intensa em Portugal e no interior de Espanha nas últimas décadas demonstrou, ao contrário deste preconceito, que as manifestações artísticas atribuíveis ao Paleolítico Superior em sítios ao ar livre eram numerosas e de interesse artístico semelhante às encontradas em cavernas. Os sítios arqueológicos ao ar livre do Vale do Côa e de Siega Verde são, até à data, os que contam com maior número de representações paleolíticas conhecidas, o que faz com que desempenhem um papel preponderante nos estudos em torno deste campo específico do património ibérico e na sua divulgação.



Interreg
España - Portugal
PALEOARTE
Fondo Europeo de Desarrollo Regional
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

UNIÓN EUROPEA
UNIÃO EUROPEIA

Junta de Castilla y León

FundaçãoCoaParque

Siega Verde
ZONA ARQUEOLÓGICA

PATRIMONIO MUNDIAL · WORLD HERITAGE · PATRIMOINE MONDIAL

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

REPÚBLICA PORTUGUESA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

REPÚBLICA PORTUGUESA
ECONOMIA E MAR

REPÚBLICA PORTUGUESA
AMBIENTE E AÇÃO CLIMÁTICA

TURISMO DE PORTUGAL

FOZ CÔA
VILA NOVA

GOBIERNO DE ESPAÑA
MINISTERIO DE CULTURA Y DEPORTE

MAN
MUSEO ARQUEOLÓGICO NACIONAL

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

MUSEU DE ARTE POPULAR
MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA

9 788497 187145